

Suplemento Cultural

Grupo Casa - Coletivo de Artistas: o talento da arte eclética em Campo Grande

RUBENIO MARCELO – MEMBRO E SECRETÁRIO-GERAL DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS

Originária da Casa da Poesia Dr^a Alda Garcia, a Casa de Cultura Nildes Tristão Prieto foi inaugurada recentemente, em Campo Grande (Rua Mar das Caraíbas, nº 8, Chácara Cachoeira), onde é estabelecida atualmente a sede do Grupo Casa - Coletivo de Artistas, que é formado por ecléticos e talentosos atores, dentre estes, a atriz e psicóloga Lígia Prieto (filha da saudosa poetisa Nildes Prieto), que estava estudando e trabalhando no Rio de Janeiro e veio para a nossa Cidade Morena, após o falecimento de sua mãe (em 1º/10/2013), para a continuidade das atividades culturais da Casa. Com Lígia, vieram, também, (do Rio de Janeiro) Fernando Lopes Lima (diretor, ator e dramaturgo carioca) e Philippe de Faria (ator e dramaturgo mineiro), que se uniram a Vini Ferreira (ator e DJ) e Marcelo Leite (ator e diretor), formando o Grupo.

A missão do Grupo Casa - Coletivo de Artistas é a pesquisa cênica fundamentada no estudo teórico das nossas raízes culturais e históricas, por

“

A missão do Grupo Casa - Coletivo de Artistas é a pesquisa cênica fundamentada no estudo teórico das nossas raízes culturais e históricas, por meio da literatura dramática clássica, moderna e contemporânea”

meio da literatura dramática clássica, moderna e contemporânea, dividindo questões através do experimento de materiais não convencionais de dramaturgia, da arte do palhaço, na apropriação das novas mídias e na exploração dos espaços alternativos de representação.



Grupo Casa - Coletivo de Artistas

O Grupo Casa ministra oficinas e cursos (de iniciação teatral e desinibição, curso livre de teatro e poesias para crianças, técnicas vocais para atores e não atores, teatro musical – aulas de canto, dança e interpretação, palhaçaria para atores), apresenta leituras dramatizadas, recitais de poesias, peças e outros encontros artísticos, e os eventos especiais “Dramas e Vinhos” (leitura dramatizada aberta) e “Caldos e Poesias” (edição mensal, apresentando performances de poemas de dois poetas escolhidos – sendo um regional). O “Caldos e Poesias”,

informar o público, visando à conscientização crítica coletiva e estabelecendo o harmônico diálogo artista/espectador; capacitar os artistas locais; contribuir para a inserção de Campo Grande e Mato Grosso do Sul no cenário artístico/teatral brasileiro.

Assistir aos espetáculos diversos do Grupo Casa é vivenciar as expressões multifaces das artes cênicas, manifestadas com talento ingênito (e harmonizadas com outras artes, como a poesia e a música) – é afagar a sensibilidade aos desígnios da emoção e da beleza. Outrossim, com esponta-

neidade, há elegante descontração e os sublimes requisitos do humor nas performances do Coletivo de Artistas, o que faz com que o público seja envolto, naturalmente, pelo sopro mágico do deleite e da leveza espiritual. Verdaderamente comprometido com a legitimidade artística, o Grupo Casa abriga arte pulsante e autêntica (arte feita por gente de lúdimo pendor vocacional e que trata a cultura com dignidade).

Atualmente, Fernando Lopes e Lígia Prieto participam, também, como atores (em duas peças), do famoso projeto “Palco Giratório” (circuito nacional) do Sesc, uma das mais aplaudidas iniciativas culturais do nosso País.

Ademais, a Casa de Cultura Nildes Tristão Prieto possui uma bem-organizada biblioteca com obras literárias (principalmente de autores regionais), livros estes que podem ser emprestados (sob cadastro) para leituras e pesquisas.

Contatos com o Grupo Casa - Coletivo de Artistas podem ser feitos pelos fones: (67) 8211-9335 e 3326-0222; e pelo e-mail grupocasa.art@gmail.com. Mais informações no site: www.grupocasa-teatro.com.br. Vale a pena conferir!

Costureira

RAQUEL NAVEIRA

É pelo lado do avesso que se conhece uma boa costureira

Recebi de um amigo o elogio:

– Você é sempre tão elegante. Veste-se muito bem.

Surpreendi-me com minha resposta:

– Obrigada. Eu poderia mesmo ter sido estilista. É que sou neta de costureira.

Veio imediatamente à minha memória a máquina de costura da minha avó. Era da marca Singer, de ferro batido, tampo de madeira brilhante, o pedal acionado pelo movimento dos pés. Eu gostava de abrir as gavetinhas e esmiuçá-las: os botões saltavam como estrelas, prateados, vermelhos, de madre-pérola. Os carretéis de linha, a almofada com alfinetes de cabeça colorida, agulhas, fios de lã, lan-tejoulas, sianinhas, rendas, fitas, bordados, vidrilhos, miçangas, canutilhos, paetês. Um verdadeiro tesouro.

Interessei-me desde cedo por tecidos. Conhecia pelo tato e pelo nome a seda, o tafetá, a cassa, a casimira, o tergal, a popeline, o voal, o fustão, a flanela, o gorgorão, o tule, o organdi. Andávamos eu e ela pela 14, a rua do comércio da minha cidade, e íamos apalpando as peças que eram abertas sobre o balcão. Alisávamos, examinávamos o caimento, fazíamos comentários sobre as cores e as estampas. Na loja “Mil Artigos”, do libanês “seu” Fauze, comprávamos os aviamentos, pois o acabamento da roupa era uma parte importante e delicada do ofício. É pelo lado do avesso que se conhece uma boa costureira, explicava muito séria a minha avó. Em casa, eu desenhava os vestidos em cadernos grandes, detalhando os recortes, as pregas e os babados. Ela traçava o molde no papel cor-de-rosa, com um giz redondo; esticava e prendia o papel com alfinetes no tecido; cortava-o com energia e tesoura afiada, em golpes cirúrgicos e certos. E depois de muita emenda, zigue-zague e esforço, lá ia eu ao baile do clube, com o vestido que idealizara e vira nascer com tanta entrega, dedicação e amor, pelas mãos habilidosas de minha avó.

Nunca esqueci de uma cena do

livro “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, em que ele descreve o vestido maravilhoso que Narizinho usou no seu casamento com o Príncipe das Águas Claras. Era um vestido feito de cor do mar. Enfeitado com peixinhos azuis, dourados, de escamas furta-cor, compridinhos, roliços como bolas, achatados, de cauda bicudinha, de olhos que pareciam pedras preciosas, de longos fios de barba movediça. Narizinho viu como eram infinitas as formas dos habitantes do mar. Pareciam joias vivas, feitos por um ourives que trabalhasse com diamantes, opalas, turmalinas, pérolas, topázios, rubis e esmeraldas. Os peixinhos não estavam pregados no tecido. Estavam vivinhos, nadando na cor do mar como se nadassem n’água. O vestido variava sempre de cor e era tão lindo, tão lindo, que a menina ficou tonta e começou a chorar. A vertigem da beleza.

A costureira era Dona Aranha, que cortava com a tesoura da Imaginação, cosia com a agulha da Fantasia e a linha do Sonho. Minha avó era uma espécie de Dona Aranha, de fada que criava miragens. E eu sentia o privilégio de ter uma modista aos meus pés, como se eu fosse uma baronesa.

Amava, sim, esse universo feminino da costura, do tear, do fiar, do tramar. Guardo, em minha essência, uma costureira, uma fiandeira trancada na mais alta torre do castelo, entre fusos e rocas. Alguém que urde, junta panos e ganchos pelo lado do avesso, com linha dupla e grossa. Abaixo a cabeça concentrada sobre meu trabalho como a Rendeira, aquela que criava a Rendeira, aquela que criava a Rendeira, aquela que criava a Rendeira, enquanto esperava o retorno de seu esposo Ulisses. Pego meus textos, e a palavra “texto” significa “tecido”, do bro, corto, prego enfeites, aplicações, brilhos, até criar um poema, um conto, um artefato que se pode vestir como uma malha, uma segunda pele.

Tudo isso porque um amigo me fez um elogio, disse que eu era elegante, que me vestia bem. É porque sou neta de costureira, respondi. Saudades das longas tardes na saleta de costura. Saudades da minha avó.

O sucesso de “Rede de Espera”

ABRÃO RAZUK

Foi uma honra ter sido convidado pelo escritor Renato Toniasso para apresentar seu livro “Rede de Espera”, cujo título é deveras sugestivo. Pelo o que eu li e pelo seu conteúdo, por certo, está fadado ao sucesso.

Ele é composto de 26 crônicas e 5 contos. “Rede de Espera” tem um cunho filosófico. O livro é endereçado ao leitor na direção dos princípios de vida e sempre lança mensagem de alto valor.

O colega Reginaldo Alves de Araújo, presidente da ASL, resumiu o livro com o seu prefácio, dispensando-se qualquer outra apresentação. É evidente que, por ser o autor magistrado, boa parte da mensagem do livro se deve à formação de juiz e conhecedor da ciência jurídica. A obra é de grande valia para todos os operadores do direito. O autor revela muita sensibilidade na observação dos fatos e da psicologia humana.

A mensagem proposta pelo autor é de fácil entendimento. Da mesma forma é a sua linguagem. As orações são claras, a concordância é impecável.

Destaque-se que o autor tem o domínio do vernáculo e do português bem escrito, sem ser rebuscado, tampouco de difícil entendimento. Ele alcança o objetivo proposto, ou seja, transmitir lições de vida extraídas da própria experiência vivenciada.

Os personagens são pessoas simples e pouco versadas no idioma, o diálogo é escrito na maneira simples das pessoas e fala como eles e com maestria, tornando-se claro, por exemplo, o diálogo no conto “Serial Killer”. O autor relata, com competência, caso típico de erro judiciário cuja condenação do réu se deu de forma injusta. Quando o caso ocorre num clima emocional, o bom senso se torna irrelevante e se entra numa espécie de histeria coletiva, em que os sentidos são olhados com desdém.

Nesse conto, o autor lança uma oração irrefutável e com a sensibilidade de todo grande escritor, assim “acontece que os filhos de pobres também ficam doentes até de forma mais frequente em relação aos filhos daqueles melhor afortunados pela sorte, eis que ficam

mais expostos aos rigores da vida”.

As crônicas “O Intérprete Árabe” e “O Intérprete Indígena” são verdadeiras aulas de processo penal, com linguagem compreensível para o leitor, denotando-se sua picardia de humor. A defesa, por questão de estratégia, às vezes precisa retardar o andamento do processo. Cabe ao magistrado ficar solerte para evitar-se o excesso de prazo.

Nesses contos, o autor aborda esse aspecto de maneira patente.

Lendo o excelente livro “Rede de Espera”, do conspícuo escritor Dr. Renato Toniasso, pelo seu conteúdo e pelo seu valor literário, podemos dizer que o autor produzirá outras obras para o enriquecimento da literatura. Induvidosamente, o livro ainda é um grande instrumento de cultura.

Por todos esses argumentos, o livro “Rede de Espera” é um estrondoso sucesso. Meus parabéns ao escritor Dr. Renato Toniasso.

Nossas homenagens! E, pelo seu valor literário, o livro “Rede de Espera” está sendo bem recebido pela crítica e pelo público.

POESIAS

O VENTO E O ARVOREDO

Há sutil encantamento,
Na dança silenciosa
Dos ramos de um arvoredo
Ao suave perpassar do vento.
Mas se ele se enfurece!...
Os ramos vergam
Se partem...
Árvores caem... fenecem...

Vida é movimento...
A frescura, a brisa da manhã
Cedem lugar ao calor
À paralisação do meio-dia...
Vem a tarde
Suave viração...
E a noite chega
Silenciosa... fria...

Mas às vezes a tempestade
Vem durante o dia...
E em sua dança louca
Vai levantando ondas
Arrastando nuvens
Carregando poeira
Derrubando árvores
Arrancando ninhos...
Arrasando tudo!
Espalhando medo
Semeando morte...
Só respeitando
O que encontrar

Mais forte...

Comparemos o mundo
A imenso arvoredo
E, nós, às árvores
De diferentes portes...
Os nossos sentimentos
Os acontecimentos
São muito semelhantes
Aos ventos...

Alguns nascem
Vivem e morrem
Como os dias calmos...

Outros, não!
Alguns caem...
Suas raízes são superficiais...
Mas há os que enfrentam
Até mesmo vendavais...
E quando a tempestade passa
Eles voltam
Às posições normais...

A maneira de sentir
De viver...
De enfrentar os acontecimentos
Espelham a árvore
Afadada pela brisa
Ou batida pelos ventos.

OLIVA ENCISO

A ESTRELA

Dentro da noite, a estrela é um pensamento
Incandescente, lógico e sereno;
Uma verdade plena de argumento
Sem um sofisma aliás mesmo pequeno.

Ela nasceu da treva – é um momento
De plenitude. De certeza plena.
Ato imanente de discernimento,
Sem ter da dúvida o letal veneno.

Quando a contemplo
fogoneando alta,
Além da terra e das limitações,
Tenho a intuição de quanto ainda me falta.

Para atingir, como essa loira estrela,
Do amor, da fé, as mil fulgurações...
Consolo-me, portanto, à noite,
em vê-la.

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR